



linha coleção viu **edith derdyk**

Para olhar para qualquer coisa, se quiser conhecê-la, precisa olhá-la por muito tempo. Olhar para este verde e dizer: "Eu vi a primavera nestes bosques.", não é suficiente. Você precisa ser o que vê: precisa ser as serpentes escuras dos caules e a plumagem exuberante das folhas... —JOHN MOFFITT

Você viu que algumas cores são macias e outras são ásperas? Viu como as formas das asas da borboleta e das asas do besouro são diferentes? Viu as linhas das folhas das samambaias? A *Coleção Viu* é um convite de três artistas para olharmos as cores, as formas e as linhas das coisas que vemos, sentimos ou imaginamos. É, também, um convite à criação, escrito só com imagens, para ser lido até por quem ainda não conhece as letras. Quando vemos uma coisa muito interessante, logo queremos contar para um amigo e, não encontrando as palavras certas, desenhamos. Desenhar é uma maneira de escrever, que serve para dizer o que as palavras não dizem. Uma forma de comunicação que pode ser entendida mesmo por pessoas que moram em outro país e falam um idioma diferente do nosso. Há muitos anos, recebi a visita de um artista dinamarquês, que não sabia nada de português, mas gostava muito de desenhar e, através dos desenhos, pudemos conversar. Guto Lacaz observa que *cada pessoa tem um desenho, como uma caligrafia*, que também é um desenho. A caligrafia do artista dinamarquês era diferente da minha, mas, desenhando, falávamos a mesma língua. Você gosta de desenhar?

Edith Derdyk conta que sempre gostou de desenhar: *seja na parede, no chão, na lousa, no papel, na areia, no muro, na pedra, no papelão, no prato de porcelana, no pote de vidro...* Talvez você goste de desenhar apenas com linhas pretas, mas sua amiga goste mais de fazer desenhos coloridos e seu amigo goste de desenhar cenas em movimento, como numa animação. Cada um tem uma forma de desenhar, porque *cada um vê de uma maneira diferente*, diz Paulo Pasta. Alguns desenhos precisam de muito espaço, outros cabem em um pedacinho de papel. Alguns precisam de muitas cores, outros de apenas uma. Desenhamos para registrar o que vemos, mas também, para expressar ideias, sonhos, medos, alegrias e tristezas. Uma vez, um menino me disse: *"Desenhar é bom para tirar as ideias da cabeça. Porque sempre que a gente tem uma ideia, a gente quer ter ela, brincar com ela, aí a gente desenha ela."* Ele desenhava para brincar, para dar vida à sua imaginação. Desenhando somos *as serpentes escuras dos caules e a plumagem exuberante das folhas...*

ANA ANGÉLICA ALBANO

Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da UNICAMP. Licenciada em Desenho e Plástica pela FAAP, doutora e mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. Foi diretora do Museu de Artes Visuais da UNICAMP (2014 a 2017) e diretora associada (2012 a 2014). Professora convidada da Facultad de Educación da Universidad de Cantábria, Santander, Espanha (2012 a 2018). Fellow do Centro Botín, Santander, Espanha.

3.

coleção viu **edith derdyk**

linha

"COM QUANTAS LINHAS SE FAZ UM DESENHO?" —e.d.

linha

Sempre gostei de rabiscar em qualquer lugar— seja na parede, no chão, na lousa, no papel, na areia, no muro, na pedra, no papelão, no prato de porcelana, no pote de vidro...

Qualquer lugar pode ser um espaço para a linha caminhar, traçar, dançar, escrever, tracejar figuras com lápis, pincel, canetinha, pedra, graveto, tesoura, carvão ou, quem sabe, até com as próprias mãos.

Assim é a vida das linhas—elas nascem do encontro entre quem gosta de desenhar com qualquer instrumento que risca e marca uma linha em algum lugar.

E deste encontro nascem linhas muito diferentes entre si: linha redonda, linha reta, linha áspera, linha lisa, linha tracejada, linha macia, linha dura, linha mole, linha líquida, linha seca, linha ondulada, linha pontiaguda, linha fina, linha gorda...

linhas que passeiam pelas coisas que existem no mundo!

Quem nunca viu uma linha de horizonte que sobe e desce redonda pelas montanhas—linha que a gente nunca pega nas mãos, mas ela está sempre ali, sempre adiante?

E quem nunca ficou numa linha de ônibus ou de trem ou de supermercado—linha feita de gente, tracejada ponto por ponto, esperando a vez de passar?

Quem nunca observou uma linha de costura—fio que brinca de esconde-esconde, aparece e desaparece junto com a agulha furando o pano?

E as linhas da mão, as linhas instantâneas que marcam as ondas do mar na areia da praia, as linhas das nervuras das folhas e dos troncos das árvores?

Quem nunca ouviu falar da linha do tempo, uma linha invisível, mas que sentimos passar?

Assim é a vida das linhas—presente em todas as coisas do mundo, prontinhas para serem capturadas pelo nosso gesto, pelo nosso olhar, pois o desenho existe porque existem linhas! Com quantas linhas se faz um desenho?

Experimente!

—Edith Derdyk

Edith Derdyk é artista visual e educadora. Autora de diversos livros, entre eles: *Entre ser um e ser mil: o livro de artista como objeto poético* (Senac, 2013), *Disegno. Desenho. Desígnio* (Senac, 2008). Contemplada por inúmeros prêmios tais como: Doctora Honoris Causa, Instituto de Estudos Críticos, Cidade do México, 2017, APCA 2002 Artes Visuais Bolsa The Rockefeller Foundation/Residência Artística Bellagio Center, Itália 1998. Desde 1981, realiza exposições coletivas e individuais. No Brasil, em espaços como os Museus de Arte Moderna de São Paulo, SP e do Rio de Janeiro, RJ; Pinacoteca do Estado de São Paulo, SP; e Instituto Tomie Ohtake, SP. No exterior, em países como Alemanha, Colômbia, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, México, Portugal e Suécia.



